

Fronteiras de um mesmo diálogo: Edward Thompson e Charles Tilly

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior¹

Resumo: Intencionando promover o diálogo entre as ciências históricas e as ciências sociais, este trabalho se apoiará no debate sobre as ações coletivas promovidas por um historiador e por um sociólogo: Edward Thompson e Charles Tilly. Tanto Thompson quanto Tilly conseguiram promover, e com sucesso, a comunicação entre as ciências históricas e as ciências sociais. O primeiro autor buscou em seus estudos sobre ações coletivas e culturas populares uma aproximação fecunda entre a história e a antropologia social, enquanto o segundo pensador promoveu (e ainda continua), a aproximação da sociologia com a história ao analisar as ações coletivas e mobilizações sociais contemporâneas.

Palavras Chaves: Edward Thompson, Charles Tilly, Pensamento Social.

Abstract: Intended to promote dialogue between the historical sciences and social sciences, this work will be supported in the debate on the collective actions promoted by a historian and a sociologist: Edward Thompson and Charles Tilly. Both Tilly succeeded Thompson as promoting, and successfully, the communication between the historical sciences and social sciences. The first author sought in their studies on collective action and popular cultures closer between the rich history and social anthropology, while the second thinker promoted (and still), the approach of sociology to history to examine the collective actions and contemporary social movements

Key Words: Edward Thompson, Charles Tilly, Social Thought.

Para Thompson, o processo de construção das ações coletivas dos trabalhadores ingleses situava-se na cultura popular. Possível mencionar a clássica trilogia de Edward Thompson, traduzida sob o título de *a Formação da Classe Operária Inglesa*².

Thompson pretendeu, com essa abrangente pesquisa publicada em 1963, articular a organização das primeiras instituições de trabalhadores britânicos com a cultura popular inglesa, rompendo com antigas teses que identificavam a formação das associações operárias apenas às lutas classistas, como propunham os teóricos do Partido Comunista da Grã Bretanha. A grande inovação de Edward Thompson foi perceber a estruturação da classe operária nas múltiplas experiências culturais associadas a elementos de resistência popular. O autor foi inovador em suas pesquisas ao colocar em evidência os diversos aspectos

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), professor Adjunto I da Universidade Federal de Viçosa (UFV)

² Composta por três volumes intitulados: *A Árvore de Liberdade*, *A Maldição de Adão* e *a Força dos Trabalhadores*, a tradução do título original, *The Making of the English Working Class*, para *A Formação da Classe Operária Inglesa* não conseguiu, como adverte a tradutora do livro, captar a real intenção de Thompson ao propor esse título. Ao utilizar o termo substantivado *The Making*, o autor conscientemente pretendia evidenciar o movimento de autoconstituição das classes operárias inglesas ao longo da história, através, principalmente, da luta de classes.

formadores do operariado inglês do século XVIII, associando tradição e valores culturais nascidos da experiência histórica e social.

O surgimento das ações coletivas precede à formação da classe operária. Apresentam-se como o alicerce de composição da classe operária, unificando diferenças e pontos aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência dos atores sociais (THOMPSON, 1987).

O estudo sobre as ações coletivas na perspectiva teórica e analítica em Edward Thompson possibilita a promoção de um diálogo entre seus diferentes elementos constituintes: cultura popular, classe social, literatura e ação política. A articulação desses elementos, presentes, segundo o autor, nas ações coletivas constituem como o objetivo central deste trabalho.

Com a publicação, em 1978, do seu consagrado *From Mobilization to Revolution*, Charles Tilly incorpora novas abordagens sobre os comportamentos e as ações coletivas, que se tornaram referências para os estudiosos da área. Nessa obra, Tilly procura trabalhar com as teorias sobre ação coletiva a partir das obras de Marx, Weber e Durkheim, não se restringindo somente aos três clássicos das ciências sociais. Ele congregou novos elementos teóricos ao seu estudo. Por exemplo, para compreender como as mudanças nas estruturas sociais afetavam as formas de ação coletiva, recorreu aos historiadores marxistas da escola inglesa — Hobsbawm e Thompson —, assim como a Escola dos Annales, principalmente às concepções de longa duração de Fernand Braudel.

A preocupação central era perceber se as transformações nas estruturas sociais afetariam as ações coletivas diminuindo seu impacto junto à sociedade³. Caso o poder de barganha dos movimentos sociais diminuísse em consonância com as transformações coletivas e estruturais, os resultados políticos visíveis desses grupos seriam, certamente, o retrocesso ou a completa estagnação de suas ações. Pois bem, com esse raciocínio, Tilly classificou as mobilizações em ofensivas e defensivas, dependendo do grau de comprometimento dos movimentos sociais executores.

³ Vale lembrar que Charles Tilly concebia as mobilizações como movimentos amplos que não se restringiam somente a rebeliões ou atos terroristas. Para ele, as ações coletivas vão desde manifestações pacíficas, marchas, a demandas públicas. Ele conclui que as ações coletivas não são apenas movimentos políticos contrários à ordem política, econômica e social estabelecida. São também as movimentações de pessoas sem histórico partidário que se manifestam por objetivos comuns.

Thompson um historiador militante

Edward Palmer Thompson nasceu em Oxford, Inglaterra, em 1924. Seu pai, o pastor Edward John Thompson, sua mãe a missionária Theodosia Thompson, e seu irmão mais velho Frank Thompson, assassinado por fascistas búlgaros durante a Segunda Grande Guerra⁴, foram talvez, as principais influências políticas e sociais do jovem Thompson.

Foi pelas mãos de seu irmão Frank, que com 17 anos, E. P Thompson se filia ao Partido Comunista Britânico, alistando-se em seguida, como voluntário, nas tropas inglesas que lutaram na guerra⁵. Com o fim do conflito, um duplo sentimento apossa-se de Thompson: de um lado a felicidade pela derrocada do nazi-facismo e a certeza quase incontida, na escalada da esquerda nos países europeus. De outro, a tristeza e a amargura pela morte seu irmão mais velho Frank, capturado e fuzilado em 1944 na Bulgária⁶.

Encerrada guerra, Thompson retoma seus estudos universitários, interrompidos em 1942, graduando-se em História no ano de 1946. A História não foi à opção original do autor, que queria ser poeta como seus pais. Na tentativa de realizar esse sonho resolve cursar Letras, transferindo posteriormente de opção, influenciado por Frank Thompson, que já cursava História⁷.

Uma vez cursando História, é eleito presidente do Clube dos Estudantes Socialista da Universidade. Nesse período foi bastante influenciado Christopher Hill e Maurice Dobb, com os quais construiu um núcleo de pensamento e estudos, denominado Marxistas Humanistas, além de Thompson e Hill também integravam o grupo: Raymond Williams, Raphael Samuel, John Saville, Eric Hobsbawm, Dorothy Thompson entre outros. A união desse grupo de intelectuais ingleses foi o embrião da Escola Marxista Revisionista ou Escola Neo-Marxista Inglesa⁸.

⁴ Em tom de homenagem ao irmão e ao filho mais velho, Edward e Theodosia Thompson escreveram e publicaram em 1947 uma obra intitulada *“There is a Spirit in Europe. A Memoir of Frank Thompson.”*

⁵ Não há informações precisas sobre a participação de Thompson na II Guerra. Alguns biógrafos argumentam que o historiador lutou na Itália e na França. Já outros, afirmam que ele combateu na Itália, e no norte da África. Para maiores detalhes ver, entre outros: KAYE, H, *“The British Marxist Historians: an inductive analysis.”* Cambridge: Polity Press, 1984. e PALMER, Brian. *“The Making of E.P. Thompson: Marxism, Humanism and History.”* Toronto: New Houghtown Press, 1981.

⁶ Esse duplo e contraditório sentimento é assim relatado: “[...] No fim do conflito, carregava consigo as esperanças abertas com a vitória sobre o nazi-facismo e com a ascensão de forças de esquerda em vários países europeus, tanto no ‘Leste’ como no ‘Ocidente. Porém, igualmente, trazia uma grande dor, a morte de Frank capturado e executado na Bulgária [...]” (FORTES, NEGRO e FONTES, 2001: 22).

⁷ Hobsbawm diria que Frank ainda era mais genial, brilhante e favorecido em relação ao irmão mais novo.

⁸ A constituição desse grupo aglutinou-se em torno das críticas ao marxismo estruturalista, particularmente a um de seus principais representantes Louis Althusser (1918-1990). As oposições articulavam-se contrárias noções de falsa consciência e a percepção de classe social como uma entidade estática e presa no tempo.

Os encontros cotidianos com esse grupo de intelectuais britânicos foram decisivos para a opção profissional de Thompson. O convívio desperta a vontade de se tornar um historiador da classe operária e de suas ações coletivas, impregnadas de cultura romântica e resistência popular. Thompson definia-se politicamente nesse momento como um marxista humanista ou um morrissiano-marxista, uma clara alusão/homenagem ao poeta William Morris.

A Formação da Classe Operária Inglesa de 1963 é o exemplo mais notório da influência de Morris na obra de Thompson. A trilogia tenta, e com sucesso, trazer a tona um marxismo revigorado pelo humanismo romântico e literário de William Morris. LÖWY (1999), afirma que o “estilo literário” assumido por Thompson evidenciava a história escrita pela perspectiva dos vencidos, graças à perspectiva romântico-socialista inspirada em Williams Morris. De acordo com a citação:

[...] É graças à sua perspectiva romântico-socialista que seu autor pôde tornar visível o avesso do cenário e reescrever a história da virada do século XVIII a partir da experiência das vítimas do progresso. A formação da classe operária inglesa é também, como Miguel Abensour muito bem no seu prefácio à tradução francesa do livro ‘morrissiano’; isto é, profundamente impregnado pelos modos de percepção formados na leitura de Williams Morris, talvez o mais romântico dos revolucionários socialistas(LÖWY, 1999, p. 48).

Desde sua concepção original, o escopo da obra era refletir a formação de processos de ação coletiva, associados a elementos da cultura popular e literária como forma de resistência aos efeitos danosos da revolução industrial nas baixas camadas populares da Inglaterra naquele momento histórico.

O debate sobre ações coletivas na Formação da Classe Operária Inglesa articula-se, segundo Thompson, em torno da noção de classe operária. Tema recorrente nas obras do autor, que observa classe social com algo fluido e de dinâmicas relações, somente entendidas através de seus contextos históricos e sociais⁹. Não existe um padrão teórico estabelecido que consiga dimensionar classe social no seu tipo/modelo mais puro e intocado, tamanha sua volatilidade.

É dentro desse perfil, que Thompson procura resgatar a formação de ações coletivas originárias de movimentos sociais e populares da Inglaterra do século XVIII. A adoção da cultura popular seria, segundo o historiador britânico, os elementos formadores das ações

⁹ De acordo com Thompson: “By class I understand an historical phenomenon, unifying a number of disparate and seemingly unconnected events, both in the raw material of experience and consciousness. I emphasise that it is a historical phenomenon. I do not see class as ‘structure’, nor even as a ‘category’, but as something which fact happens (and can be shown to have happened) in human relationships” (THOMPSON: 1962, p. 03).

coletivas e das estratégias de resistência do operariado inglês do XVIII. A utilização de elementos da cultura popular preencheria um vazio sentido na produção acadêmica marxista estruturalista inglesa, que propositalmente despreza as manifestações culturais das classes baixas.

Sem sombra de dúvidas, esse é o principal registro dos trabalhos historiográficos produzido por E.P.Thompson: tentar dar “voz aos vencidos”, como havia proposto Walter Benjamin¹⁰.

Thompson vê nesse processo, momento de transformação do discurso produzido pelas elites e pela historiografia oficial e ortodoxa, que segundo ele, não evidenciavam propositalmente a constituição do proletariado enquanto classe social.

A análise da formação proletária enquanto classe social organizada é um dos pontos nevrálgicos da enorme e diversificada produção de Edward Palmer Thompson, e essa era uma das muitas batalhas que propunha o historiador britânico. Isto é, mostrar que experiências radicais levariam a formação de consciências de classes distintas.

Essa foi à orientação central de toda produção histórica de Thompson; revelar para a história as camadas pobres e os operários como sujeitos autônomos e dotados de consciência social:

Eu procuro salvar da imensa condescendência da posteridade o pobre rendeiro que trabalhava com a máquina, o tecelão ludista; o tecelão ‘obsoleto’ que ainda trabalha com tear manual, o artesão ‘utopista’, e até o discípulo enganado de Joanna Southcott (THOMPSON, 1987)

É importante mencionar que Thompson procura ao destacar através das aspas os termos ludista, obsoleto, utopista, demonstrar de maneira crítica que as tradicionais categorizações da historiografia inglesa eram construídas de maneira linear, idealizavam o passado e sua representação histórica se articulava, segundo o autor, de forma acrítica. Isto é, o sentido humano dos acontecimentos históricos é renegado propositalmente por pesquisadores filiados a essa concepção.

Thompson, ao trabalhar as proposições em contrário, busca demonstrar que a proposta marxista tradicional, que ele denomina de conformista, reflete apenas uma pequena parte de um todo. Nesses estudos em especial, realizados preferencialmente por historiadores econômicos, o progresso humano sempre vinha associado ao crescimento econômico. Essa seria, segundo sua concepção, uma forma obtusa de enxergar e historiar a realidade social da Inglaterra do século XVIII.

¹⁰ Para maiores detalhes ver: Löwy (2005).

O século XVIII inglês, particularmente a Revolução Industrial, foi objeto privilegiado de estudo do historiador britânico. Thompson concentrava suas atenções em mostrar, e é disso que se trata *A Formação da Classe Operária Inglesa* de 1963, que a Revolução Industrial na Inglaterra teve uma natureza catastrófica para segmentos populares da sociedade britânica. Para o autor, essa foi a condição necessária para o surgimento de reações das camadas populares¹¹.

Sem sombra de dúvidas, esse é o principal registro dos trabalhos historiográficos produzido por E.P.Thompson: tentar dar “voz aos vencidos”, como havia proposto Walter Benjamin¹².

Thompson vê nesse processo, momento de transformação do discurso produzido pelas elites e pela historiografia oficial e ortodoxa, que segundo ele, não evidenciavam propositalmente a constituição do proletariado enquanto classe social.

A análise da formação proletária enquanto classe social organizada é um dos pontos nevrálgicos da enorme e diversificada produção de Edward Palmer Thompson, e essa era uma das muitas batalhas que propunha o historiador britânico. Isto é, mostrar que experiências radicais levariam a formação de consciências de classes distintas.

A perspectiva sociohistórica de Charles Tilly

Charles Tilly é atualmente um dos pesquisadores mais revisitados na área das ciências sociais. Sua produção acadêmica passa por temas como ação coletiva, formação dos Estados Nacionais europeus, metodologia e teoria da história, cidadania e urbanização.

Monsma (1996) argumenta que um dos pontos altos da produção teórica de Tilly foi o estabelecimento de conexões entre a sociologia e a história. Em dois estudos — *As Sociology Meets History* (1981) e *Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons* (1985) — discute a importância de aproximação entre as duas ciências. Entre os argumentos levantados por Tilly, o mais conspícuo foi mostrar que os historiadores, especialmente os marxistas revisionistas ingleses, como Eric Hobsbawm, Edward Thompson, Albert Soboul e outros, já utilizavam teorias e métodos originalmente voltados às ciências sociais. A recíproca entre a sociologia e a história era verdadeira, dizia o autor, pois as principais teorias sobre os

¹¹ Segundo Löwy (1999) a revolta popular inglesa se fortalece pela nostalgia de um estilo de trabalho e de lazer anteriores à rígida disciplina do industrialismo.

¹² Para maiores detalhes ver: Löwy (2005).

processos de modernização, utilizadas pelos sociólogos, tinham como base a história (MONSMA, 1996).

Utilizando recursos investigativos próprios, o autor desenvolve critérios de estudo sobre as ações coletivas, priorizando dados quantitativos, arquivos e jornais. Porém, sua inovação acontece quando utiliza dados quantitativos em seus estudos sobre as greves, as rebeliões, os motins e outras formas de ação coletiva. O uso da metodologia quantitativa visava aprimorar hipóteses de trabalho que não conseguiam ser respondidas pelos métodos tradicionais. As transformações nas estruturas sociais e seus reflexos nos resultados das ações coletivas, as alterações sociais com o capitalismo industrial e o significativo aumento das organizações sociais foram mais bem

O sucesso das mobilizações era o resultado das formas como os movimentos sociais se organizavam. A conformação dos grupos era sistematicamente lembrada pelo autor como um importante fator responsável pelo sucesso das ações coletivas. Tilly lembra que as organizações podem apresentar diferentes nuances: confederações de trabalhadores, organizações estudantis, grupos de amigos, movimento de bairro, partidos políticos e outros. Portanto, são as conexões entre os integrantes de um mesmo compreendidos, para Tilly, com o uso de dados quantitativos (MONSMA, 1996).

Outra abordagem usual nos projetos acadêmicos do autor é o trabalho histórico comparativo sobre as ações coletivas. Tendo como referência os séculos XVIII e XIX, Tilly evidencia as alterações nas formas de mobilização política dos atores sociais. Em cada período, o “repertório de ação coletiva”¹³ é completamente diferente, ou seja, as manifestações do XIX eram mais eficientes e organizadas do que as do século anterior.

Atualmente, os movimentos sociais e suas mobilizações pregam, segundo Tilly, o desenvolvimento da autonomia social, a ampliação dos espaços sociais e políticos abertos e democráticos e por instituições, de fato, representativas (GOHN, 2004). Assim, as novas formas de mobilização popular se revestem em: protestos, greves, pressões, manifestações populares — estilos de manifestações completamente diferentes e inovadoras se comparadas às dos séculos XVIII e XIX.

A explicação para as mudanças de atitude dos movimentos sociais e do repertório das ações coletivas estaria ligada ao desenvolvimento capitalista e industrial, como é basilar na citação:

¹³ Esclarecendo o que significado de “repertório de ação coletiva”, comenta Monsma (1996, p. 19) “Um repertório é uma espécie de caixa de ferramentas cultural de que as pessoas servem para fazer reivindicações coletivas [...]”.

Tilly vincula as mudanças nos repertórios de ação coletiva aos processos a longo prazo e em grande escala de mudança social, em especial o desenvolvimento do capitalismo nos Estados nacionais. Esses processos alteram de modo fundamental o contexto da contestação popular e, portanto, o conteúdo dos repertórios de ação coletiva. (MONSMA, 1996, p. 20)

Em resumo, Charles Tilly delinea claramente em seus trabalhos as transformações ocorridas nas ações coletivas ao longo do tempo, mostrando a contínua mudança de postura dos atores sociais. Em outras palavras, houve o deslocamento do foco das mobilizações de trabalhos locais para as greves e os protestos nacionais e de conflitos ilegais para ações sociais toleradas (MONSMA, 1996).

Referências Bibliográficas:

- ANDERSON, Perry. Origins of the present crises. **New Left Review**, London, nº23, jan/fec. 1964.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses sobre o “conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LÖWY, Michael. A corrente romântica nas ciências Sociais da Inglaterra: Edward P.Thompson e Raymond Willians. **Revista Crítica Marxista**, Campinas, nº 8 p.43-68, junho de 1999.
- MONSMA. Introdução. In: TILLY, Charles. *Coerção, capital e Estados europeus*. São Paulo: Edusp, 1996.
- MUNHOZ, Sidnei. Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol 2. nº 2, setembro de 1997.
- PALMER, Bryan. **Edward Thompson objeções e oposições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- THOMPSON, Edward. **Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward. **Senhores e caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, Edward. **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- THOMPSON, Edward. **Zero Option**. Manchester Road: Bristish Library, 1982.
- THOMPSON, Edward. **Making History. Writtings on History and Culture**. New York: New York Press,1995.

THOMPSON, Edward. **The Essential E.P Thompson**. New York: New York Press, 2001.

THOMPSON, Edward. Socialist Humanism. **The New Reasoner**, London, nº1, p. 105-143, Summer, 1957.

THOMPSON, Edward. **Witness Against the Beast: Willian Blacke and the Moral Law**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

TILLY, Charles. Coerção, capital e estados europeus. São Paulo: Edusp, 1996.

TILLY, Charles. From Mobilization to Revolution. Paperbeck, 1974.

TILLY, Charles. The Marketing of Rebellion: insurgents, Media and Internacional Activism. Cambridge – University Press, 2005.

TILLY, Charles. Contentious Politics. Paradigm Publishers, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna**. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.